



**A mãe de Jesus
e o vinho escatológico**

Nicoletta Crosti

Caderno 2

Setembro – 2003

www.fundacao-betania.org

O evangelho de João é o único evangelho que inscreve Maria na vida pública de Jesus (em Caná e aos pés da cruz) com o intuito de descobrir o seu papel na comunidade cristã e pela comunidade cristã. O evangelista quer fazer sair Maria da sua situação familiar, privada, para lhe dar um significado universal. Ao contrário de Lucas, João não a designará pelo seu nome, mas sempre com a expressão Mãe de Jesus, sublinhando assim o seu papel histórico que, para João, vai para além da sua maternidade biológica.

João é o único que recorda o episódio das bodas de Caná, enquanto a multiplicação dos pães é recordada por todos os outros evangelistas. Provavelmente, João assiste ao evento e quer recordá-lo.

O contexto

Os exegetas não são unânimes em definir o contexto da narrativa. Alguns consideram-no como o cume do prólogo e como o sexto dos seis dias com que João iniciou o seu evangelho, [1] aludindo aos seis dias da criação do Génesis. Outros vêem-no como o início da grande inclusão (Jo 2,1- 4, 54), dita de Caná a Caná, em que Jesus se revela a várias personagens. Outros, ainda, vêem este episódio relacionado quer com o chamamento à fé dos discípulos do capítulo anterior, quer com os sinais que Jesus fará para consolidar esta fé.

Talvez o próprio evangelista não tenha querido definir claramente o contexto, deixando que a narrativa se enriqueça com os vários sublinhados que os leitores vierem depois a descobrir, inserindo-o em contextos diferentes.

As frases que precedem imediatamente o texto introduzem, seguramente, a narrativa. Natanael declara “Tu és o filho de Deus” e Jesus responde-lhe “Verás coisas bem maiores do que esta. Em verdade, em verdade vos digo: vereis o céu aberto ...” (Jo 1,49.51) e, no final da narrativa, v.11, o narrador diz: “Deste modo Jesus manifestou a sua glória.” Para João, pois, a narrativa das núpcias de Caná concretiza a expressão do prólogo “e o Verbo fez-se carne... e nós vimos a sua glória.” (Jo 1,14)

A narrativa

O episódio de Caná apresenta-se, como todas as narrativas de João, rico de incongruências. Jesus e Maria, que eram convidados, comportam-se como se fossem os donos da casa, dando ordens aos criados. O chefe de mesa, responsável pela festa, não se dá conta da falta de vinho e nem sequer se apercebe da grande azáfama dos criados que enchem as vasilhas da purificação (600 litros!). Há uma ausência absoluta dos esposos na sua festa de casamento.

Não é difícil intuir que João usa um evento privado, ocorrido num pequeno país, sem grande ressonância pública, para um discurso teológico complexo, nascido de uma longa experiência de fé cristã, vivida nas suas comunidades depois da experiência pascal. Recordemos que as comunidades de João eram comunidades sofredoras, dilaceradas no seu seio por correntes heréticas e perseguida quer pelos irmãos judeus quer pelos pagãos. Eram, pois, comunidades que precisavam de ser confortadas na sua fé e ajudadas a esperar para além das dificuldades do presente numa vida verdadeiramente “ressuscitada”, “bela”, em que seriam realizadas todas as promessas e o mal seria aniquilado para sempre.

Na leitura do texto joânico estão sempre associados os dois níveis, o dos factos da crónica e o pensamento teológico que lhe é subjacente.

O texto

v. 1 *“E ao terceiro dia...”*

A expressão “ o terceiro dia” surge mais vezes na Bíblia, associada a acontecimentos significativos que tiveram lugar ao terceiro dia. Assim, no Antigo Testamento, será ao terceiro dia que Abraão verá o monte no qual deverá sacrificar o seu filho (Gn 22,4) e que se tornará o lugar do Templo de Jerusalém; será no terceiro dia que Adonai se manifestará (Ex 19,16) com poder aos israelitas, no sopé do monte de Sinai; e Oseias dirá “ Em dois dias dar-nos-á a vida e ao terceiro dia nos levantará e viveremos na sua presença” (Os 6,2). Mas

no Novo Testamento a expressão tem um outro significado, a ponto de estar inserida no credo apostólico, é o dia da ressurreição (I Cor 15,4) “e ressuscitou ao terceiro dia segundo as escrituras” (Vd. Lc 9,22 e 24,46; Mt 16,21; Act 10,40).

Seguramente João quer ajudar o leitor a compreender de que glória fala o versículo 11 quando conclui a narrativa dizendo “Assim Jesus manifestou a sua glória.” Quer que o leitor se prepare para associar o acontecimento de Caná com o poder criativo e transfigurativo que Jesus manifestará na ressurreição, isto é, com a experiência da Páscoa.

“Celebrava-se uma boda”

De maneira indirecta, a referência às núpcias é frequente em João, mas aqui usa-se o singular como se fosse um acontecimento único que tem valor permanente [2].

“Em Caná da Galileia”

Caná é uma localidade desconhecida mencionada apenas por João. A sua localização geográfica é controversa; contudo, a maior parte dos estudiosos identificam-na com Kefar Kana a 5 Km a nordeste de Nazaret, outros a Hirbet-Kará a 14 Km a norte de Nazaret [3]. A Galileia é a região onde Jesus era mais aceite e por isso aí realizava milagres.

vv. 1-2 *“E a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda”*.

O evangelista parece estabelecer uma diferença entre a Mãe de Jesus, que já se encontrava na boda, e Jesus com os seus discípulos, que chegaram depois, como convidados. Pode pensar-se que Maria já lá estava porque o matrimónio dizia respeito a um parente ou a alguém de grande amizade. A festa do casamento durava vários dias, geralmente uma semana (Gn 29,27; Jz14,12; Tb 8,20). Maria participava não tanto como convidada mas como um membro da

família responsável pela festa. É lícito perguntar se João não terá querido dar uma mensagem teológica através deste pormenor, um convite a ver Maria como parte da família que faz a festa, o “estava lá”, ao contrário de Jesus e dos seus discípulos que são convidados, não fazem parte da família em festa. Acresce o facto de que no versículo 12 se encontra uma possível explicação, que requer a leitura de toda a narrativa.

Por quanto sabemos do evangelho de João, eram apenas cinco, os primeiros discípulos que foram chamados, que tinham começado o seu discipulado. André, Pedro, Filipe, Natanael e, presumivelmente, João, ainda que não se mencione o seu nome (Jo 1,35-49).

v. 3 *“Como viesse a faltar o vinho”*.

No ambiente mediterrânico o vinho é usado para tornar festivo e alegre a refeição, em geral simples e monótona, especialmente quando o alimento era escasso. A Bíblia não o restringe ao prazer e à felicidade do momento convivial, alargando-o, simbolicamente, à alegria da vida, como o afirma de modo explícito o Siracide (Sir 31,27-28): “O vinho é como a vida para os homens (...) Que vida é a do homem a quem falta o vinho? Ele foi criado para alegria dos homens. Alegria do coração e júbilo da alma é o vinho bebido a seu tempo e com moderação.” Do mesmo modo, o Salmo 104,75: “O vinho alegra o coração do homem”, uma ideia retomada do salmo 4,8, de Sir 40,20 e de Qo 10,19.

Uma festa de casamento onde falte o vinho é um contra-senso porque, neste caso, o vinho não é uma opção, é uma necessidade, uma vez que se celebra o novo caminho dos dois esposos, que se deseja feliz e jubiloso.

Como, pois, veio a faltar o vinho? João não no-lo diz. Aqueles que estudaram profundamente as festas hebraicas do tempo de Jesus[4] dizem que o stock de vinho dependia de algum modo das ofertas dos convidados. Podemos pensar que os esposos pertenceriam a famílias muito pobres e que também eram pobres os convidados e não tinham conseguido contribuir como seria devido. A intervenção de Maria na ocasião faz pensar que a falta de vinho não tenha sido devida a mero descuido dos esposos, como se poderia pensar num primeiro momento, mas

fosse devida a causa mais importante que os esposos não podiam solucionar. A situação era grave e os esposos não podiam senão viver uma situação de embaraço, a festa ficaria estragada, não poderia existir a alegria verdadeira.

v.3. *“A mãe de Jesus disse-lhe: não têm vinho!”*

Não sabemos com que tom Maria teria dito esta frase. Parece uma simples constatação, mas a resposta de Jesus mostra que não o era. Maria sofre com os esposos e identifica-se com eles. Com efeito, não diz que “não há vinho” mas “não temos vinho”., colocando os esposos e o seu incómodo no centro do problema. Maria vê a situação sem saída. Se ela tivesse podido solucionar o problema já o teria feito, mas ela dá-se conta de que não podia providenciar o remédio. Maria não pede nada de específico a Jesus (analogamente às figuras de Marta e Maria do capítulo 11), mas a confiança que a mãe tem com o filho leva-a a partilhar com ele a sua tristeza e o absurdo da situação. Maria não tem nenhuma ideia do que fará o seu filho e será a primeira a ficar extasiada por quanto o filho fará depois.

Maria, por um lado, aceita humildemente nada poder fazer para mudar a situação, mas, por outro, não renuncia a dar-se, porque continua a confiar numa saída. Está convencida de que o Pai que está nos céus é o primeiro a querer uma bênção para este casal que está realizando o mandamento do Senhor “crescei e multiplicai-vos” (Gen1,28). Maria crê que as maravilhas de Deus são sempre possíveis, “porque nada é impossível a Deus” (Lc 1,37), como Ihe tinha recordado o anjo. Voltando-se para o filho faz uma primeira tentativa e não desistirá, ainda que a resposta do filho não pareça encorajante.

v. 4 *E Jesus respondeu-lhe:*

Mulher (esposa) que tem isso a ver contigo e comigo?

A frase pertence à linguagem diplomática antiga, quer semítica quer grega. A mesma encontra-se outras vezes na Escritura com duas conotações distintas, ou para exprimir hostilidade (Jz 11,12; II Sam 16,10;19,23; no Novo Testamento,

entre Jesus e os demónios em Mc 1,24;5,7; Mt 8,29) ou incompreensão (IR 17,18; IIR 3,13; IICr 35,21).

Poder-se-ia pensar numa incompreensão da frase de Maria, que Jesus tenha sentido como uma ingerência indevida na sua vida pública. Um paralelo desta frase de Jesus encontra-se em Lucas (2,49), quando se refere a resposta dada por Jesus adolescente aos pais quando estes o encontraram no templo. Ali, de maneira explícita, é dada a razão da sua tomada de distância em relação aos seus progenitores e afirmada a sua relação directa com o Pai. Aqui, é lícito pensar que Jesus volta ao mesmo tema ou seja que ele nada faz independentemente do Pai “ Eu por mim mesmo nada posso fazer, porque eu não procuro a minha vontade mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 5,30) e “eu não faço nada por mim mesmo ... faço sempre as coisas que lhe agradam” (Jo 8,28). Com esta frase dita a Maria, Jesus quer recordar que a sua vontade é soberana e deve identificar-se só com a vontade do Pai.

Os psicólogos diriam que a agressividade da frase de Jesus denota um incómodo interior, um conflito íntimo entre o seu desejo de agradar à mãe e a sua adesão total à vontade do Pai dos céus e não da mãe terrena.

É lícito perguntar se João com esta frase não queria pôr de sobreaviso os crentes das suas comunidades quanto a um culto desviante em relação a Maria. Maria corria o risco de ser venerada como a deusa mãe, muito em voga naquele tempo no ambiente pagão. Ainda muitos séculos depois, em Guadalupe, o clero terá dificuldade em separar o culto à Virgem do culto pagão à deusa mãe. João quer esclarecer que Maria não pertence ao mundo transcendente, mas é apenas uma criatura entre as criaturas e não pode pretender manipular a vontade do Pai e do Filho.

“Mulher”

A palavra grega refere-se a uma mulher casada, “esposa”. O evangelista usa-a também para Maria junto à cruz, para a Samaritana, para Maria de Magdala e, em todos estes casos, é lícito ver um discurso teológico que requer o termo esposa. Admira, pois, ver este termo aqui utilizado, quando Maria é sempre chamada a

mãe de Jesus, e, por maioria de razão, deveria sê-lo neste caso.

Evidentemente, o evangelista quer dar a Maria um outro papel, mas fá-lo quase de fugida, como um aceno a algo que o leitor deverá descobrir depois. Para João, Maria não é apenas a “mãe”, é também a “esposa”. Começa, então, a abrir-se o cenário de um outro casamento que a narrativa revelará.

“A minha hora ainda não chegou”

Jesus justifica a resposta à mãe dando-lhe a razão. Não é ainda chegada aquela hora que Jesus sente como a sua. A hora que não está sob controlo de Jesus mas do Pai (Jo 12, 27-28; Mc 14,35-36), “Chegou a hora. Eis que o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores” (Mc 14, 41), “a sua hora de passar deste mundo ao Pai” (Jo 13,1), “a hora em que o Filho do Homem é glorificado” (Jo12, 23), “Pai, chegou a hora, glorifica o teu Filho afim de que o Filho te glorifique” (Jo 17, 1). É a hora culminante da sua paixão, morte, ressurreição, glorificação e manifestação máxima do amor do Pai pelo seu filho. A hora em que toda a criação e toda a história assumem uma outra dimensão, que não lhes pertence, a da ressurreição.

Jesus, tinha apenas começado a chamar os primeiros discípulos, sabe que tem ainda em frente de si a sua missão a cumprir na Palestina. Com esta palavra mostra que a sua presença entre os homens deve ser uma presença humilde, um serviço (“eu estou no meio de vós como aquele que serve”, Lc 22,27) e não de manifestação da glória. Pode pensar que a lei da encarnação o exige.

Ultimamente[5], muitos biblistas (retomando uma hipótese de Gregório de Nisa e de Teodoro de Mopsuesta)[6] não sabendo como ligar esta frase com o milagre que depois acontecerá, pensam resolver o problema colocando um ponto de interrogação no final da frase[7] e tornando a frase afirmativa; seria, então, uma declaração de que é chegada a hora de Jesus. Mas isto contrasta não só com a repetida afirmação em Jo 7,30 e 8,20 de que a hora de Jesus ainda não chegou, mas ainda mais com a frase final do evangelista, que, querendo dar um sentido teológico a toda a narrativa, fala disso como de um “sinal”. Um sinal prefigura algo que ainda não está presente, mas sê-lo-á no futuro, o sinal aponta para algo que

se lhe segue. Um “sinal” é sempre ambíguo, porque não é uma manifestação plena. Isto é de tal modo verdade que os judeus não chegarão a compreender os muitos sinais que Jesus fará. O próprio sinal de Caná será compreendido apenas por alguns: os discípulos, os servos, seguramente por Maria, mas não pelos outros convidados da boda (se assim não fosse, o evangelista o teria dito), nem do chefe de mesa. Nos sinais de Jesus entrelaçam-se a história e a meta-história, o divino e o humano, o temporal e o eterno.

v.5. *“Sua mãe disse aos serventes (diáconos): o que for que diga, fazei-o”*

É estranho ver que Maria intervém de novo depois da palavra do filho. Maria continua a crer numa via que possa devolver a alegria à festa das núpcias. Maria apresenta-se como uma mulher muito determinada e faz-nos pensar, espontaneamente, no episódio da mulher cananeia (Mt 15,21-28). Aí, uma mãe manifesta uma determinação especial, quer absolutamente salvar a sua filha e não desarma diante da repetida recusa de Jesus, e de facto obterá aquilo que desejava. Todavia, salvar uma vida pode justificar muita coisa, não é o caso do vinho de uma festa...

A frase de Maria tem ressonância bíblica, recorda a frase do faraó ao povo que tinha fome enviando-o a José e dizendo: “ façam aquilo que ele vos disser.” (Gen 41, 55) e aqui Jesus é bem mais do que José. Ou, ainda, a palavra do povo da Aliança: “ Tudo o que o Senhor disse, nós o fazemos” (Ex 19,8) e “Tudo quanto o Senhor nos disser nós o faremos e escutaremos” (Ex 24,7). A fé de Maria cresceu sob este consentimento à aliança, que agora ela transfere do Deus de Israel para Jesus.

É a primeira e a última frase que Maria dirá no evangelho de João e é uma frase que é como um testamento, exprime em poucas palavras o programa que cada discípulo de Jesus deve fazer seu; o comportamento típico da criatura diante do criador, mas que Maria quer referido a Jesus; o comportamento de sair de si para ligar-se ao Senhor e seguir o que ele manda. É como se Maria dissesse: estai atentos, prontos, vigiai, em escuta. O verbo fazer está no imperativo, parece uma ordem, algo mais do que um convite.

A mãe provavelmente não tinha compreendido até ao fundo a palavra de Jesus, experiência que não era nova para ela: “eles não compreenderam a palavra que lhes tinha dito.” (Lc 2, 50-51), tal como os discípulos não tinham compreendido as referências de Jesus à sua hora.

Não obstante, Maria tinha compreendido que ela deveria pôr-se de lado e concorda com isso. Maria decide sair da cena, submetendo-se ao desejo do filho, mas envolvendo outras pessoas no seu lugar, incentivando-as para estarem atentas a Jesus.

Maria está convencida de que o Reino de Deus não vem por causa da criatura que lhe levanta obstáculos, usa mal a sua liberdade e não está disponível, isto é, não está à escuta, e não está disposta a fazer a vontade do Pai. Parece, assim, que o papel de Maria é o de criar as condições para que a misericórdia de Deus possa agir, retirando os obstáculos que o impedem de operar.

Quem são os criados?

A palavra grega aqui usada não é aquela que geralmente se usa para criado (doulos), mas é a palavra diakonos que, em João, Jesus emprega para os verdadeiros discípulos “onde eu estiver aí estará também o meu servo” (Jo 12, 26) e que Paulo refere a si e aos seus colaboradores, palavra geralmente traduzida como “ministro” (ICor 3,5; IICo 6,3; ITm 4,6; IITm 4,5; Ro 16,1).

v. 6. Ora, havia ali seis vazilhas de pedra preparadas para a purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas, cada uma.

As taças eram de pedra para não ficarem expostas à impureza segundo a regra do Levítico (11, 33), pois o barro era passível de impureza e por isso de destruição. O número seis é um número incompleto, que espera a completude dos sete. Lembra forçosamente os seis dias durante os quais a glória do Senhor permaneceu sobre o monte Sinai, antes que Moisés fosse chamado (no sétimo dia) para receber as tábuas de pedra (Ex 24, 16), tem uma ligação pois à economia veterotestamentária.

Para os judeus o acto da purificação era importante dado que viviam num mundo dividido entre o puro e o impuro. A água era considerada como uma potência regeneradora capaz de cancelar a corrupção derivada do pecado “vou aspergir-vos com água pura e sereis purificados das vossas impurezas e de todos os vossos pecados e de todos os vossos ídolos...” (Ez 36,25-27). Já no Êxodo (19,10) Adonai, antes de dar as dez palavras e fazer sair Moisés sobre o monte vizinho, diz a Moisés “Vai e diz ao povo para se santificarem hoje e amanhã: lavem as suas roupas e estejam prontos...”

A purificação hebraica estava ligada à necessidade de mudar de estatuto, antes de se aproximar do sagrado [8], passando através de uma regeneração espiritual e de um renascimento. Toda a realidade associada ao sagrado, e o comer entrava nesta categoria dado o significado simbólico da convivialidade, necessitavam de uma purificação inicial. Por isso, todos os convidados eram obrigados a purificar-se usando a água viva (caída do céu ou de nascente), segundo a regra da Torah oral, isto é, a palavra transmitida pelos mestres. Marcos (7, 3-4) refere-se a isto de modo explícito *“de facto os fariseus e todos os judeus em geral não comem sem ter lavado e esfregado bem as mão, conforme a tradição dos antigos; ao voltar do mercado não comem sem se lavarem”*.

Dado que uma medida é cerca de 40 litros conclui-se que a quantidade de água referida nas vasilhas é cerca de 600 litros.

v.7. *“Disse-lhes Jesus: enchei as vasilhas de água. Eles encheram-nas até cima.*

Depois da frase dita a sua mãe, admira-nos ver Jesus tomar uma iniciativa, que parecia negar a sua intervenção. Talvez a frase dita por Maria aos diáconos tenha feito Jesus reflectir, ver nela um sinal do Pai por trás da determinação da mulher em incentivar a comunidade para se pôr ao seu serviço. Talvez Jesus compreendesse que os seus primeiros discípulos precisavam de sinais concretos, para começarem a conhecer verdadeiramente quem ele é. Compreende que, se a sua hora ainda não chegou, todavia são necessários “sinais”, que ajudem os discípulos a compreender qual o tempo novo que ele veio trazer, um tempo que é mais do que o reino messiânico que os hebreus esperavam.

Por que não começar com uma festa de núpcias que remete para aquelas núpcias que desde sempre o Deus de Israel quis para o seu povo?

Os “diáconos” provavelmente ficaram muito espantados diante do estranho pedido, mas obedeceram imediatamente. A frase de Maria tinha surtido efeito, eles estão dispostos a fazer verdadeiramente tudo quanto Jesus diz, confiando simplesmente na sua palavra.

Seguramente, as vasilhas não estavam completamente vazias, seria mesmo uma tontaria sem sentido se assim fosse, pois os convidados continuavam a chegar e tinham necessidade de se purificarem antes de irem para a mesa. Porquê enchê-las completamente? Lembremos que os “diáconos” as encheram até cima, o que Jesus não tinha especificado. É lícito perguntar o que quer dizer João com estas seis vasilhas cheias até cima.

Segundo Gennarini[9], esta exagerada quantidade de água é da mesma ordem de grandeza de uma mikvah, a que o evangelista quer fazer referência. A mikvah é um tanque formado por elementos fixos e pré-determinados em que se mergulhavam e ainda hoje se mergulham os hebreus para se purificarem. Segundo Kaplan, a mikvah é mais importante que a própria sinagoga.[10] A água das vasilhas representa o esforço de purificação que o hebreu vivia, quer porque vivia numa realidade que continha muitos elementos impuros com os quais era fácil contaminar-se, quer porque estava consciente de ser uma criatura sempre culpável, porque não santa como Deus é santo (“**Sede santos porque eu sou santo**”, Lv 11,44-45) e por isso precisava sempre de uma purificação contínua. Para os hebreus a santidade e a salvação são fundamentalmente uma conquista puramente humana, reforçada pela purificação contínua.

Jesus não nega o valor desta purificação e o sentimento de compunção e de arrependimento que enche o fiel que mergulha na mikvah, mas Jesus sabe que veio trazer uma mudança drástica nesse domínio. De facto, quando tiver chegado a sua hora, a categoria de puro e impuro desaparecerá. No tempo novo que ele inaugurou será a sua palavra interiorizada que vai tornar o crente puro, “vós já estais purificados pela palavra que vos tenho anunciado” (Jo 15,3), e nada daquilo que é exterior ao homem o poderá tornar impuro: “Não compreendeis que tudo aquilo que entra no homem do exterior não pode contaminá-lo, já que não entre

no seu coração ...?” (Mc 7,18-19).

Jesus, agora, transfigura a água da mikvah, ligada às leis e aos decretos hebraicos, que levam apenas ao restabelecimento das condições da aliança, no vinho que exprimia no Antigo Testamento a alegria messiânica, para dizer que a era messiânica, e mesmo mais do que a era messiânica, já veio, e é gratuitamente dada e em abundância (600 litros), como graça que não precisa de purificação, mas apenas requer acolhimento. “Porém, a quantos o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus: àqueles que creram no seu nome (Jo 1,11); de facto, “da sua plenitude nós todos recebemos graça sobre graça. Porque a lei foi dada a Moisés, a graça e a verdade vieram-nos por meio de Jesus Cristo.” (Jo 1, 16-17).

v.8 *“Disse-lhes Jesus: tirai-as, agora mesmo, e levai-as ao chefe de mesa. E eles as levaram.”*

Jesus dá uma outra ordem aos diáconos, que obedecem imediatamente. O evangelista diz que os diáconos provaram a água que depois se transformou em vinho quando chegou à mesa, o lugar do convívio e da comunhão para que tinha sido criado. Jesus, como o Deus da criação, opera só pela sua palavra. Todavia, parece ter necessidade da colaboração dos diáconos e da sua disponibilidade.

Jesus quer que a água das vasilhas transformada em vinho seja levada primeiro ao chefe de mesa, quer que este testemunhe a qualidade excepcional do vinho.

Aquele “agora mesmo” recorda-nos a importância do momento, que é a hora de Jesus, um “agora” que caracteriza cada espera: “Em verdade, em verdade vos digo: chegou a hora – e é já – em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e aqueles que a escutarem viverão”. (Jo 5,25).

v.9 *“O chefe de mesa provou a água mudada em vinho, sem saber de onde era, se bem que o soubessem os serventes (diáconos) que tinham tirado a água.”*

Nota-se aqui a ironia típica de João: o chefe de mesa que devia saber, e estava encarregado do bom andamento da festa, parecia estranho à cena, e os diáconos

que apenas deviam servir sabem. Tema importante para João, que distingue os verdadeiros discípulos, que sabem e que vêem, dos não discípulos, como o chefe de mesa, que não sabem nem vêem. Por outro lado, o chefe de mesa deveria ter estado muito distraído para não se dar conta, primeiro, da falta de vinho e, depois, da grande azáfama dos diáconos a encherem as vasilhas. Não era um bom pastor, não tomava conta da situação da comunidade, que deveria ser de festa, mas já não o era. É uma advertência do evangelista aos pastores de Israel incompetentes? É provável. No seu posto, o evangelista coloca os diáconos que sabem, vêem, e operam. Sem eles, o vinho não teria chegado à mesa.

A João interessa o “donde” vem o vinho, como depois no episódio da samaritana lhe interessará “donde” vem a água viva. O “donde” é Jesus e a sua plenitude da qual “nós todos recebemos graça sobre graça.” (Jo 1,16).

v. 10 O chefe de mesa chamou o noivo e disse-lhe: *“Toda a gente serve primeiro o vinho bom (belo) e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o bom vinho até agora!”*.

Nesta altura, o chefe de mesa provara o vinho e tendo verificado a sua qualidade chama o esposo, considerando-o responsável pelo “belo vinho”[11] e, indirectamente, entra em cena o esposo de Caná, suposto responsável pelo vinho.

O leitor, porém, sabe que não é o esposo de Caná o responsável do “belo vinho”, mas Jesus. Deliberadamente, o evangelista cria o equívoco, para lançar a possibilidade de que o verdadeiro esposo da narrativa não seja o festejado de Caná, mas Jesus.

No capítulo seguinte, João Baptista retomará o tema de Jesus esposo, identificando-se com o amigo do esposo que é Jesus, e dirá: “Eu não sou o Cristo ... aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe está próximo e o escuta, exulta de alegria ao ouvir a voz do esposo. (Jo 3,29). O próprio Jesus retomará o tema quando disser: “Porventura os convidados das núpcias jejuam enquanto o esposo está ainda com eles? Enquanto o esposo está com eles não podem jejuar. Virão, porém, os dias em que o esposo lhes será

roubado ... (Mc 2,19-20; Mt 9,15; Lc5,35). Nos três sinópticos estas palavras de Jesus estão ainda ligadas ao conceito de vinho novo, que não pode ser posto em odres velhos. Parece que Jesus esposo e o vinho são recordados em simultâneo, não admira que João o faça também. Mas, se Jesus é o esposo, toda a narrativa das núpcias de Caná deve ser vista agora referida ainda a outras núpcias, aquelas de que fala Jesus na citação acima referida. É um tema que já era caro aos profetas, o tema das núpcias entre Adonai e Israel (Os 2,4; Is 54,65; Ez 16,8), núpcias turbulentas porque Israel não é fiel ao seu esposo e a festa acaba em tragédia (assim os vários exílios). Adonai quis renovar a aliança e perdoar mais uma vez. Ora, a relação esponsal com Adonai assume uma outra dimensão, porque “O Verbo se fez carne e veio habitar no meio de nós.” (Jo 1,14). Com o mistério da encarnação, o esposo já não está no céu, mas é homem entre os homens, com uma mãe criatura como todas as criaturas.

Jesus é o esposo que traz o dom do coração novo, renascido do Espírito, que só pode tornar a esposa fiel e as festas das núpcias uma alegria sem fim, com um vinho “belo”. Agora as primeiras núpcias entre o Deus Altíssimo e Israel transfiguram-se em outras núpcias, as de Jesus, filho do Pai, com a Humanidade inteira.

Pela palavra do chefe de mesa (mais do que qualquer outra, uma personagem de apoio, necessária para dizer uma frase importante sobre o vinho e sobre o esposo) compreende-se que esta festa de núpcias não o é de início; é, sobretudo, no fim, que se acena às pessoas já bem bebidas e que por isso o vinho tinha acabado. Mas o específico deste momento é que o novo irrompa, a água se transforme em vinho, um vinho desconhecido no início das núpcias, e as núpcias alcancem, então, uma dimensão inesperada de festa e de vida.

“Até agora”, diz o chefe de mesa. O dom de Jesus simbolizado no vinho sempre esteve presente na mente de Deus, mas só na “plenitude dos tempos” devia ser concedido ao homem, e com o sinal de Caná Jesus diz isto mesmo: a “plenitude dos tempos”, a escatologia chegou.

v. 11. *“Jesus fez tudo isto como arquétipo dos sinais em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os discípulos creram nele.”*

O evangelista faz questão de sublinhar que este prodígio não é apenas um sinal mas que é o “arquétipo” dos sinais que se irão seguir. A palavra grega (arché) pode traduzir-se quer com o significado de “primeiro” (segno) quer com o significado de arquétipo e a imposição desta frase faz supor que é exacto este segundo significado. A transformação da água em vinho não é, então, um sinal que Jesus fez entre tantos outros (Jo 20,30), mas o sinal principal, de que decorre toda a actividade de Jesus e nos dá o seu contexto teológico. As curas e a ressurreição de Lázaro ficam, deste modo, enquadradas naquela festa de núpcias que o Pai e o Filho começaram com a humanidade inteira através do mistério da encarnação.

A glória de Adonai tinha-se manifestado na longa história de Israel, operando prodígios de que o salmo 136/135 nos dá um elenco e tinha sido selada na tenda da reunião que acompanhava Israel no deserto e depois no templo de Jerusalém. Mas, aqui, a glória deixa os espaços sagrados para se manifestar numa festa de núpcias. É a novidade trazida pela encarnação.

Só depois de terem compreendido o evento da Páscoa e de terem vivido a alegria da ressurreição e a experiência do Pentecostes os discípulos compreenderam a fundo o sentido deste milagre e do vinho, um vinho especial que não se pode comprar nos mercados de Caná.

Em apêndice a esta narrativa, o evangelista escreve (v.12): “Depois disto, desceu a Cafarnaum com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram lá apenas alguns dias.” Esta indicação faz luz sobre o relato precedente e vem juntar-lhe um significado ulterior.

O evangelista precisa que as personagens que viram este sinal[12], que estiveram implicadas na história, os discípulos, os diáconos e Maria, formam agora um grupo itinerante e missionário seguidor de Jesus.

É o mesmo grupo que se reunirá a rezar no andar superior (Act 1,14). Agora a comunidade que celebra a festa das núpcias, com Jesus o esposo, é a comunidade cristã pós-pascal, a primeira igreja. Assim se compreende por que razão os servos são chamados “diáconos”, ao serviço da Palavra de Jesus. Estes, na sua abertura à palavra do Senhor, no seu obedecer, tornaram-se naqueles

amigos de Jesus a quem ele se revela “sabiam-no os serventes que tinham trazido a água” e “Chamo-vos amigos porque tudo aquilo que ouvi de meu Pai vo-lo dei a conhecer” (Jo 15,15). São amigos que experimentam no seu íntimo a glória de Jesus. São os diáconos necessários para trazer o vinho à mesa, e para o tirar, porque o vinho escatológico tira-se (por duas vezes o evangelista diz que a água que se transformará em vinho foi tirada) como a água viva da samaritana. Nesta comunidade, Maria está lá, como membro permanente enquanto Jesus é o convidado da celebração eucarística.

O “belo vinho”

Talvez que a personagem principal da narrativa não fosse Jesus mas o vinho, nomeado cinco vezes, pelo narrador, pela mãe de Jesus, pelo chefe de mesa.

Encontramo-lo já nas profecias dos tempos messiânicos: “os montes destilarão o vinho novo que escorrerá pelas colinas” (Am 9,13) e “o Senhor do universo prepara para todos os povos um banquete de excelentes vinhos, de carnes suculentas, de vinhos velhos e bem tratados” (Is 25,6) ou, ainda, em Joel 2,24 e 4,18 e Oseias 14,7. Mas o vinho messiânico não era ainda o “vinho belo”, guardado para a hora em que o Filho o iria dar na cruz e que o evangelista faz aparecer, como sinal, numa festa de núpcias.

O “vinho belo” existia, na mente de Deus, mesmo antes da criação do mundo. Tinha-o em mente quando criava o homem e a mulher à sua imagem e semelhança, quando com infinita paciência procurava fazer sair a sua criatura da idolatria dos antepassados de Abraão e do país do Egito, quando preparava um povo como sua propriedade particular, para que compreendesse o seu desejo de viver em intimidade de amor com ele. Através dos séculos, esperando a maturação da fé dos seus fiéis, e acompanhando-a, mantinha em reserva esse vinho misterioso. É o vinho escatológico, que não é nem velho nem novo, porque pertence àquela dimensão que fecha definitivamente o tempo cronológico para inaugurar um tempo transfigurado, sem dimensão e sem limite, no qual a vida pode resplandecer na bem-aventurança. É aquele “vinho belo” que só o Criador pode dar, um puro dom, não merecido por quem o recebe (talvez a frase de Jesus

dita à sua mãe queira significar isso mesmo), aquele vinho que, bebido, torna o coração da criatura sede da glória de Deus e que por consequência transfigura a banalidade de uma vida terrena numa vida totalmente “outra”, que o homem não pode compreender senão através de imagens e símbolos. Uma vida que não só está à nossa espera depois da morte, mas que já na terra, segundo João, pode ser realizada no coração do crente habitado pelo Espírito Santo, o Espírito de Jesus.

O “vinho belo” torna-se, então, símbolo da experiência daquela alegria e daquela bem-aventurança de que falam os evangelhos. É a alegria do anúncio dos anjos em Belém, “anuncio-vos uma grande alegria que o será para todo o povo” (Lc 2,10), alegria já experimentada por João Baptista quando estava no seio de Isabel (Lc 1,44) e depois por ele explicitada: “O amigo do esposo ... exulta de alegria ao ouvir a voz do esposo. Ora esta é a minha alegria e é completa” (Jo 3,29). É a alegria das mulheres ao verem o Senhor ressuscitado “afastando-se rapidamente do sepulcro, cheias de temor e de grande alegria ...” (Mt 28,8), “na sua alegria, não queriam acreditar de tão assombrados que estavam” ... (Lc 24,41), “os discípulos encheram-se de alegria ao verem o Senhor”. (Jo 20,20). É a alegria do ressuscitado que se comunica àqueles que a ele aderem. É a alegria profunda de que fala o próprio Senhor: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor... Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa.” (Jo 15, 10-11); “ Eu hei-de ver-vos de novo! Então o vosso coração há de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria” (Jo 16,22); “ pedi e recebereis. Assim, a vossa alegria será completa” (Jo 16,24) “ainda no mundo, digo isto para que eles tenham em si a plenitude da minha alegria” (Jo 17, 13).

Jesus transformando a água em vinho revela-se não só como um Deus criador, mas como um Deus que cria para fazer festa, e não uma festa qualquer, mas uma festa de núpcias, que transborda (a água das vasilhas era cerca de 600 litros) da alegria do amor.

Para João, a contemplação desta narrativa deveria ser um convite a viver a existência humana em dimensão nupcial com Jesus esposo, e segundo o modelo de Maria esposa.

A Mãe de Jesus

Outra das personagens importantes da narrativa, depois do vinho, é a “mãe de Jesus”, assim designada por três vezes.

Segundo aquilo que está escrito no seu evangelho, João tomou Maria consigo depois da morte de Jesus (Jo19,27). Podemos pensar que a comunidade do evangelista terá experimentado directamente o papel de Maria na sua constituição, papel que aqui vem apresentado pelo evangelista. Toda a narrativa está estruturada de modo a dar ao leitor a impressão de que sem a intervenção de Maria o prodígio não se teria realizado. Maria não age, mas fala, pondo em acção os outros, e as suas palavras têm grande influência sobre aqueles que a escutam.[13] Maria não se substitui aos outros, nem se coloca no centro. Parece que a acção de Maria seja a de permitir a Deus que opere através do seu Filho. A presença de Maria é muito singular, misteriosa; sendo determinante, permanece por detrás dos bastidores.

Maria desde a sua infância tinha o dom do coração novo predito por Ezequiel (36,26), Deus Pai tinha-a tornado “plena de graça”[14], a amada do seu coração, a obra prima de Deus. É a criatura profundamente pacificada consigo e o seu criador e vive o sentimento da exultação como constitutivo da sua condição de criatura, segundo o projecto originário de Deus. Já a saudação do anjo com o seu “Alegra-te ó cheia de graça ...” parece um programa de vida para a jovem. A saudação repete-se a todos os convidados à alegria pelos profetas do Antigo Testamento, associada à presença manifesta do Senhor. “Alegra-te filha de Sião, exulta Israel e alegra-te com todo o teu coração, filha de Jerusalém ...” (So 3, 14-15). Também Zc 9,9; Gl 2, 21-23; Is 66, 10.14. Maria tem sempre a alma em festa por aquilo que é e faz o Senhor, e exprime o seu sentimento de exultação cantando o Magnificat: “A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu salvador ...”

Não admira pois que Maria deseje a experiência da alegria para todos, também nas núpcias de Caná, Maria é mãe, e qual é a mãe que não quer a alegria dos seus filhos? Todavia, Maria sabe que a alegria e a paz são dons de Deus, que ela não pode dar, mas que o Pai concede a quem lhos pede e a quem se coloca em

condições de os poder receber. Daí a sua receita, para obter a alegria, dada aos diáconos: mergulhar em Deus, escutá-lo, “cumprir” a sua Palavra e reconhecer as suas maravilhas, como ela tinha feito.

No decurso dos séculos Maria aparecerá mais vezes sobre a terra, sempre com o intuito de evitar o sofrimento e de consolar, de trazer a alegria e a paz.

No evangelho de João, Maria não é apenas a mãe de Jesus, é também a “esposa”; de facto, assim a designa Jesus, no capítulo 2 e depois junto à cruz, depois de a ter sentido próxima, com uma fidelidade inquebrantável, toda a vida.

Maria é esposa a vários títulos. Em primeiro lugar, porque é uma mulher hebraica, membro do povo de Deus e por isso recordada como “filha de Sião” pelos profetas, o verdadeiro Israel que permanece na escuta da voz de Adonai: “ Assim como a esposa é a alegria do seu esposo, assim tu serás a alegria do teu Deus” (Is 62,5). Maria é esposa também por outra razão; pela sua participação directa no mistério da encarnação, tornou-se esposa do Espírito Santo, que fecundou o seu seio, “ O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra” (Lc 1, 35). Porém, Maria, a criatura redimida, cheia de graça, torna-se agora a esposa por uma terceira razão, a esposa das novas núpcias escatológicas celebradas com Jesus e o ‘belo vinho’. Maria, como esposa destas novas núpcias, torna-se colaboradora de Jesus no trazer o reino de Deus à terra. João não soube, ou não quis, definir de modo claro o papel de Maria na economia da salvação; este papel permanece para nós misterioso, sem contornos claros. Também o Concílio Vaticano II, que quis integrar na Constituição sobre a Igreja um texto sobre Maria, não soube definir de modo preciso a sua acção específica na realização do reino de Deus.

João apresenta Maria como modelo e paradigma da vida redimida. É a mãe, que toma cuidado da sua família (“Não têm vinho”); é rainha, levando todos a agirem, seja o seu filho sejam os servos (“Fazei tudo o que Ele vos disser”); é virgem, pondo no centro da sua vida só o Pai e Jesus; é mulher de esperança, que não desiste diante dos obstáculos (veja-se a resposta pouco encorajante de Jesus), porque acredita na misericórdia de Deus (“A sua misericórdia se estende de geração em geração ...” dirá no Magnificat) e na possibilidade de que todos

possam fazer alguma coisa para voltar a dar alegria a um mundo que já não a tem.

A Igreja dirá no Concílio Vaticano II [15], confirmando Maria como paradigma da vida cristã, “a Santa Igreja em Maria admira e exalta o fruto mais excelso da redenção, e nela contempla com alegria, como numa imagem puríssima, aquilo que ela deseja e espera de ser”.

As núpcias de Caná e a Transfiguração

João não tem o episódio da transfiguração de Jesus no monte, relatado nos evangelhos sinópticos (Mt 17,1-9; Mc 9,2-10; Lc 9,28-36), mas quase todos os elementos da narrativa da transfiguração estão presentes no episódio de Caná, que o evangelista termina dizendo no v. 11: “Manifestou a sua glória.” Os elementos em comum são: uma “metamorfose” (a água transformada em vinho), a presença de uma realidade veterotestamentária (as vasilhas), uma voz (a de Maria) que imperativamente diz para escutarem/fazerem quanto Jesus disser, uma apreciação da bem-aventurança da situação (comentário do chefe de mesa), a presença dos discípulos que chegam com Jesus e o número 6 com que se inicia a narrativa da transfiguração de Marcos e Mateus e aqui o das vasilhas.

Todo o episódio das núpcias de Caná torna-se então verdadeiramente não só o arquétipo de todos os sinais seguintes, mas a abertura dos céus antes da “hora” de Jesus, tal como no monte da Transfiguração, uma antecipação da vida redimida e bem-aventurada dos crentes ligados ao Pai.

NOTAS

* Este texto serviu de base a um encontro promovido pela Fundação Betânia e realizado em setembro de 2003.

** Bióloga. Licenciada em Teologia e especializada na área da reflexão bíblica e no relacionamento hebraico-cristão.

[1] No primeiro dia o Baptista apresenta-se mesmo como a voz que grita no deserto, no segundo apresenta Jesus como o Cordeiro de Deus e aquele que baptiza no Espírito santo, no terceiro refere-se a vocação dos primeiros discípulos, no quarto dá-se o encontro com Filipe e com Natanael que declara “Tu és o filho de Deus, o rei de Israel.” Se se acrescentar três dias (“o terceiro dia”) chegar-se-á ao sétimo dia em que Jesus manifesta a sua divindade e a sua glória. Porém, se os três dias que se juntam aos quatro são calculados segundo o cômputo da morte e ressurreição de Jesus (da tarde de sexta-feira até a manhã de domingo) os dias são só seis.

[2] Y. Simoens, “Secondo Giovanni”, EDB Bolonha, 1997, 210

[3] Existe ainda a hipótese de Caná ser um nome simbólico derivado do verbo hebraico qanah (adquirir) com alusão a Ex 15,16 “este povo que para ti adquiriste”(ver também Dt 32,6).

[4] Derret citado em R.E. Brown « Giovanni » cittadella ed. Assisi, 1979,p. 132.

[5] Vanhoye, Interrogation Johannique et exéges de Cana, Génova, Bíblica, 55, 1974, 157-167. I de la Poterie, Maria nel mistero dell’Alleanza, Marietti, Genova, 1992, p205. S Zevini, Vangelo secondo Giovanni, Città Nuova, Roma, 1984, p.113. S Fausti, Una comunità legge il vangelo di Giovanni, EDB Ancora, Milano, 2002, p.48.

[6] Brown, p. 129

[7] a gramática grega o permite porque não tem ponto de interrogação.

[8] Kaplan, “Le acque dell’Eden”, Ed. Dehoniane, Roma, 1982,p.7.

[9] A. Kaplan, ibidem 131

[10] A. Kaplan, ibidem 15

[11] Em grego o mesmo termo indica belo e bom; são conceitos que se reforçam um ao outro.

[12] Alguns exegetas consideram “os irmãos” uma adjunção tardia.

[13] Por isso a tradição oriental desenvolverá o ícone da Virgem Hodigitria, aquela que indica o caminho aos discípulos, que os encaminha na direcção da felicidade, demonstrando não ser a mãe possessiva que mantém o filho preso a si.

[14] Lucas usa o termo kekaritomene (1,28), um particípio perfeito, para indicar um

estado particular de graça adquirido, antes da Anunciação.

[15] Sagrada Liturgia n. 103

Nicoletta Crosti

6 de Setembro 2003